

**Capítulo 5 - DOI:10.55232/10830012.5**

**IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS COMO  
PATRIMÔNIO CULTURAL PARA O ESTADO DO PIAUÍ: A  
IGREJA COMO PONTO DE PARTIDA PARA FORMAÇÃO  
CITADINA**

**Maria Eduarda de Lima Coutinho, Tamyres Cristina Lemos e Silva,  
Vanessa Matos Cabral e Isis Meireles Rodrigues Sampaio**

**RESUMO:** O presente artigo trata da história da Igreja Matriz do município de Jaicós – PI, a Paróquia de Nossa Senhora das Mercês; que tem seu nome registrado no Livro do Tombo desde 1989 como patrimônio Estadual. Essa pesquisa tem o objetivo de investigar a história do desenvolvimento da cidade a partir desse patrimônio. Realiza-se um apanhado geral do Piauí colonial, das tribos indígenas que se concentraram no estado no XVII, e da catequização desses povos. Também é ponderada a influência do Padre Marcos, responsável pelo processo de criação da vila de Jaicós e de sua Igreja matriz no século XIX.

**Palavras-chave:** Igreja. Patrimônio. Piauí.

## **INTRODUÇÃO**

O teor deste trabalho associa-se ao conceito de que o presente não é explicado por si, estando diretamente ligado ao passado, logo, é notada a grande importância do conhecimento e da difusão acerca das origens daquilo que compõe o lugar onde vivemos, e que conhecemos atualmente. Através do entendimento da história e dos laços longevos que contornam a origem de um povo, surgem relações de maior afeição da sociedade para com as edificações que compõe suas cercanias; e de tal forma esse afeto torna-se inerente ao desejo de preservar, volta-se maior atenção para o bem histórico e esse logo passa a receber devida valorização. Quando um vínculo se torna afetivo, possibilita que a população passe a se enxergar como sujeitos da história, possuindo assim direitos como, também deveres para com a sua localidade. Um povo que não conhece a história, é um povo sem presente.

A história da humanidade não cabe somente a grandes palácios, castelos e casarões Europeus, cabe também a singelos templos religiosos erguidos no centro de uma pequena cidade interiorana no sertão piauiense. Os monumentos históricos que de posse do Estado, são de suma importância visto que a arquitetura representa aspectos da história que são palpáveis, que são elementos concretos advindos de períodos e acontecimentos históricos. São parte da identidade de um povo, bem como muitas vezes são também pontos de partida para a formação de uma sociedade, como retrato disso, as edificações religiosas que impulsionaram a formação das cidades provinciais em seus arredores.

Este artigo tem como objeto de estudo a Paróquia de Nossa Senhora das Mercês, igreja matriz da cidade de Jaicós-PI (Fig. 01). São explorados temas acerca do poder da Igreja para a formação da cidade, e o seu desenvolvimento até que tornasse patrimônio para o Estado do Piauí. Portanto, foi possível a compreensão da história do surgimento da cidade de a construção de sua Igreja Matriz e como esta teve notabilidade no que se relaciona com os traços culturais e identitários da sociedade jaicoense.

Figura 01 – Localização de Jaicós no estado do Piauí



Fonte: Google, editado pelas autoras, 2019

A busca pelo conhecimento das origens da Paróquia levaram a contornos temporais anteriores; como o Piauí Colonial, a história das Povoações Índigenas que foram catequizadas na região em Missões Jesuíticas – povos esse que inclusive deram nome à cidade –, o entendimento de uma figura que teve grande influência na região, o Padre Marcos de Araújo Costa; para que assim houvesse a maior compressão no que tangencia as raízes daquela cidade e obra arquitetônica em estudo.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma avaliação presencial na Paróquia de Nossa Senhora das Mercês e através de uma análise qualitativa, foram averiguados seus aspectos arquitetônicos e o seu atual estado de conservação – a partir do contato pessoal, foi possível um melhor entendimento e interpretação do patrimônio. Também foram exploradas fontes e registros concedidos por moradores, além de depoimentos orais dos mesmos, conseguindo realizou-se uma consulta a artigos científicos e livros que continham os assuntos em questão.

Essa pesquisa tem como objetivo investigar a história da Paróquia de Nossa Senhora das Mercês, não como um bem isolado, mas sim sobre o impacto dessa edificação para evolução de um aldeamento até o posto de cidade. Bem como entender a influência do bem no âmbito cultural deste local e atestar a importância do conhecimento de sua história por parte dos habitantes da cidade e do estado do Piauí. É necessário que essa igreja seja lembrada, cuidada e jamais esquecida, pois ela faz parte do conjunto das obras que caracterizam as raízes da história Piauiense. Além da exposição de fatos sobre a origem da Paróquia e da cidade, objetivou-se gerar uma discussão acerca da importância

do patrimônio, e a conscientização de que não foge a uma nação a responsabilidade sobre a valorização e a preservação de seu acervo histórico.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Colonização do Piauí e a Ocupação Indígena no Sul do Estado**

A atual região que corresponde ao estado do Piauí foi intensamente povoada por povos indígenas e pertenceu a diversas capitânicas durante a época do Brasil Colônia. Foi considerada por muito tempo uma “terra de ninguém” pelo colonizador, tendo em vista que sua ocupação pelo homem branco foi tardia em comparação aos demais estados do Nordeste do Brasil (OLIVEIRA, 2004).

O Piauí foi o único estado nordestino a ser ocupado do interior para o litoral, em decorrência do povoamento de seu território, que começou nas fazendas de gado instaladas no sul da região – no resto do Nordeste, predominavam as plantações de cana-de-açúcar nas proximidades do litoral. Por meio da ação administrativa do império português no Piauí colonial, foram lançadas as bases do processo de colonização do solo piauiense (SOUSA, 2010).

Desde o primeiro estágio de currais disseminados nesse sertão hostil, o cristianismo sempre esteve presente, através dos próprios desbravadores que carregavam no peito rosários e escapulários milagrosos. Mais que isso talvez só pequenos oratórios com toscas imagens trazidas pelos primeiros vaqueiros, fixando a fé e alimentando espíritos daquela frente pioneira de boiadeiros sem família. (SILVA FILHO, 2007, p.82)

Em meados do século XVI, deu-se início as invasões dos homens brancos no estado do Piauí. Até o século XIX, múltiplas expedições foram realizadas, com o intuito de expulsar os nativos de suas terras (OLIVEIRA, 2004). Os padres da Companhia de Jesus eram os responsáveis pela evangelização e catequização dos povos gentios do sul do estado. A primeira missão jesuíta no Piauí ocorreu em 1607 – Nessa época, o estado era chefiado pela capitania de Pernambuco –, com a vinda dos padres jesuítas portugueses Francisco Pinto e Luís Figueira, que se fixaram na região do Delta do atual rio Parnaíba, o maior do estado. Mesmo com o fracasso de sua missão, esses padres possibilitaram a abertura das primeiras capelas e a construção dos primeiros trilhos do estado (SOUSA, 2010).

Em 1656 veio a missão de São Francisco Xavier; foi nessa época que ocorreu a criação dos primeiros aldeamentos, devido ao estreito e corriqueiro contato entre os missionários e os povos indígenas. Diante disso, o estado começou a ter as mais diversas relações de trabalho (SOUSA, 2010).

Se conhece muito pouco sobre a cultura e modo de vida dos povos indígenas advindos do sul do Piauí, pois as documentações encontradas relativas a esses povos, estão dispersas em profusos documentos, que em sua maioria tratam-se de cartas e ofícios contendo denúncias de governadores a autoridades ou a corte a respeito de ações desses povos. Sabe-se que entre o século XVII e XIX, o Piauí chegou a ter cerca de 17 tribos indígenas.

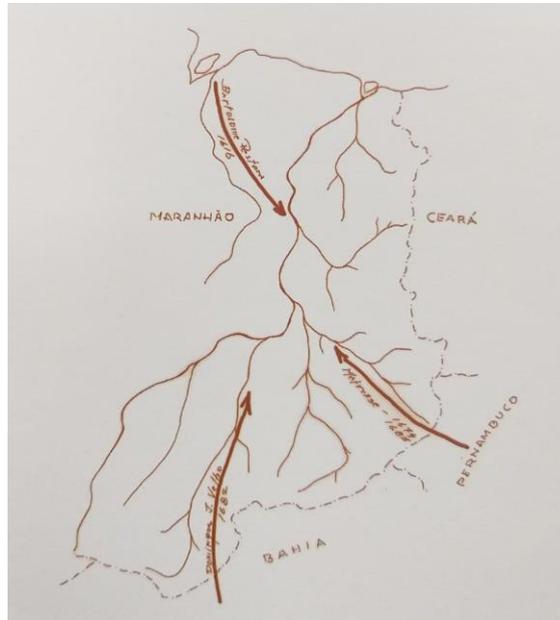
Os indígenas Icós (o Cacique se chamava Jaicó – daí o topônimo do município), segundo o Pe. Antônio Barbosa, um dos maiores estudiosos dos índios brasileiros – Autor do Dicionário Tupi Guarani -, pertenciam ao ramo Tupi (CRUZ, 2019). Também conhecidos como índios Jaicós, cujo o nome também é encontrado com as grafias Jeicó, Jaikó e Geicó, foram localizados primeiramente por Martius em Juazeiro, Bahia. Eles tinham parentesco linguístico com os Acoroás (SOUSA, 2010). Relata-se que o primeiro contato dos índios Jaicós com o homem branco foi no ano de 1674, nas redondezas do rio Gurguéia (OLIVEIRA,2004). Os índios Jaicós conheciam como ninguém os áridos solos do sertão, costumavam percorrer caminhos de difícil locomoção, onde geralmente havia escassez de água e alimentos. Por essas características, foram usados de soldados nas expedições contra outros povos indígenas (SOUSA, 2010).

As primeiras reclamações sobre o comportamento dos Jaicós “apareceram no ano de 1711, em uma propriedade da família Rocha Pita, na ribeira do Canindé, ou seja, os fazendeiros mataram barbaramente quatro Jaicós, rebelando vivamente aqueles gentios que, desesperados, [...] causaram imensos prejuízos aos fazendeiros” (OLIVEIRA, 2007, p.89).

Os missionários religiosos, então, criam uma nova estratégia para livrarem os povos “gentios” da exploração dos colonizadores. Essa estratégia consistia na instalação de novas reduções indígenas longe do litoral, que de início seguiam o curso do Rio São Francisco, entrando pelo sertão dos atuais estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Bahia (Fig. 02) (SOUSA,2010). No Piauí ocuparam a região centro-sul e estiveram nas

localidades de Cajueiro, atual cidade de Jaicós-PI, onde a maior parte foi em determinado momento aldeada (OLIVEIRA, 2004).

Figura 02 – Esquema das rotas de penetração no Piauí no século XVIII



Fonte: SILVA FILHO, 2007.

Depois da instalação de aldeamentos, dava-se início a missão de catequização. A missão se processava da seguinte maneira:

A política básica dos Jesuítas foi a mesma em todo o Nordeste. Opondo-se à escravidão do gentio, eles realizavam um programa de catequização nos pequenos povoados ou aldeias, onde tanto os grupos tribais quanto os índios trazidos do sertão pudessem receber instrução e orientação espiritual. Os índios eram educados para viver como cristãos, conceito que incluía não só a moralidade, mas também os hábitos de trabalho dos europeus. Como os jesuítas concordavam com os colonos quanto aos barbarismos da cultura indígena, pouco se fez para adaptar ou preservar o modo de vida dos nativos. Os padres usavam da cultura Tupi que pudessem facilitar a conversão, [...] Nos limites do possível, instituiu-se nas aldeias uma vida religiosa plenamente católica. Os nativos aceitavam a nova fé seletivamente. As irmandades de leigos e certas festas religiosas com Domingo de Ramos foram prontamente aceitas, ou pelo menos é o que depreende dos relatos, às vezes idílicos, deixados pelos jesuítas. Para os índios, contudo, a aculturação forçada das aldeias era simplesmente o menor dos males. (SCHWARTZ, 1998, P. 49).

Entre os anos de 1660 e 1670, se aventuraram pelo Piauí, bandeirantes paulistas, com intuito de caçar índios, introduzindo assim a economia pecuária no sertão. Domingos Jorge Velho teria chefiado uma dessas expedições próxima ao rio Paranaíba e teria sido ele a batizar o rio com esse nome, em homenagem a sua cidade natal (REDAÇÃO MUNDO ESTRANHO, 2018).

A partir de 1671, criadores de gado da Bahia sobem o rio São Francisco e se instalam em fazendas de gado no sul do estado, em busca de mão de obra e metais preciosos, mesmo com a resistência dos índios da região. Estes grupos estavam sempre em processo de emigração por conta das guerras. O Piauí nesse período era considerado uma área de refúgio de índios vindo da Bahia, Maranhão e Goiás (OLIVEIRA, 2004).

No final do século XVII, o Piauí se desmembra de Pernambuco e passa a ser ligado a Capitania da Bahia. Com a fundação da sede do governo em Oeiras – no centro do estado – em 1712, confirma-se a tendência do desenvolvimento do estado do Piauí a partir de seu interior (SOUSA, 2010).

Em 13 de junho de 1714 instalou-se definitivamente o aldeamento de Nossa Senhora das Mercês, a partir de Renato de Carvalho e Aguiar, um mestre de campo, que requisitou ao coronel Antônio Borges Leal Marim – rico pernambucano de origem portuguesa com muitas terras no Piauí – um pedido para ocupar um arraial em suas terras para o aldeamento dos índios dispersos da região. Mas foi só após uma longa marcha de seis meses que se conseguiu pouco mais de cem índios da tribo Jaicós para serem aldeados em tais terras (SOUSA, 2010).

No ano de 1715, o Piauí ficou sob conta do estado do Grão Pará e Maranhão. Em 1718 foi criada a Capitania de São José do Piauí, mas foi só no ano de 1758 que ela foi instalada, embora ainda houvesse poucas vilas em seu território e ele tenha continuado a ser dominado e comandado pelas fazendas de gado e seus senhores.

Por volta do ano de 1759, as tribos que se concentravam no sul do Piauí, eram os Pimenteiras, os Acoroás, os Jaicós e os Gueguês, todos aldeados. A maioria dos povos identificados que habitavam a região sudeste do estado pertenciam ao troco Tupi, com exceção dos Pimenteiras que são considerados como sendo da família Karib (OLIVEIRA, 2004).

No diário do tenente-coronel, Antônio do Rego Castelo Branco, sobre a entrada do ano de 1776, onde começa a guerra contra os índios Pimenteiras, marchou da cidade de Oeiras, uma forte expedição militar composta de militares colonos e índios recrutados nos principais aldeamentos da Província. Em que “[...] estes índios Jaicós têm merecido nesta conquista o nome dos melhores soldados dela, pela verdade, valor e diligência, acompanhado tudo de boa vontade com que no pouco, e no muito os havemos experimentados” (OLIVEIRA, 2007, p. 134).

Na entrada de 1779, havia cento e trinta e dois soldados no território do atual estado do Piauí, noventa e quatro deles eram índios tirados dos aldeamentos: doze Jaicós, trinta e sete Acoroás e quarenta e cinco Gueguês. “Na capitania do Piauí, os pedidos eram feitos diretamente aos diretores dos aldeamentos, sendo que todos os índios solicitados já tinham nomes cristãos” (OLIVEIRA, 2007, p. 124).

Dessa forma, a freguesia de Nossa Senhora das Mercês se constituiu como uma importante região do sertão piauiense, que abrigou núcleos indígenas, presenciando o desaparecimento de sua cultura em detrimento da cultura advinda da Europa desencadeando assim, a formação dos núcleos familiares clássicos que representariam as persistências coloniais do Piauí, seja nas relações de poder do período colonial ou na tradição religiosa. (SOUSA, 2010).

A topografia do sertão piauiense contribuiu para o surgimento de núcleos urbanos na primeira metade do século XIX. Caminhos naturais eram formados, que além das povoações, também geravam rotas de acesso comercial aos territórios do Nordeste e Norte brasileiros, o território hoje ocupado pelo Piauí ficava localizado num ponto estratégico que ligava as principais regiões administrativas da coroa Portuguesa (SOUSA, 2010). De tal forma, justifica-se como foi dado início ao processo de atração do homem português às terras piauienses, onde a religião atrelada à economia do gado consolidou o crescimento urbano, que por sua vez gerou o processo das primeiras construções lusas de caráter religioso, que em parte permanecem existentes até os dias atuais, e foram impactantes tendo grande papel de balizadoras das configurações iniciais da arquitetura do Estado do Piauí.

### **Formação da Vila de Jaicós: O Padre, a Fazenda e a Igreja**

Marcos de Araújo Costa nasceu no arraial de Paulista (atual cidade de Paulistana) no ano de 1780. O primeiro professor do menino Marcos foi o próprio pai, o português Marcos Francisco de Araújo Costa, que lhe ensinou letras e noções de latim numa escola gratuita que mantinha na fazenda Boa Esperança (região da atual cidade de Jaicós), onde ensinava parentes e amigos a ler e contar. (JORNAL DE PICOS, 1999)

Marcos frequentou o Colégio de Roma, com a finalidade de seguir o curso de Teologia no Seminário Romano. Ele passou tempos em Coimbra, Portugal e pouco antes de se ordenar padre, recebeu a notícia da morte de seu pai. Contava ele, que desde criança

sempre teve o desejo de se tornar padre e fundar uma escola na fazenda de seu pai. (CRUZ, 2019)

Na sua volta ao Brasil, trabalhou no interior do Rio Grande do Norte, Recife e em Oeiras, sempre visitando a fazenda Boa Esperança, com o mesmo velho anseio de firmar sua vida lá e fundar uma escola cujo o ensino ultrapassasse o nível elementar. Ele foi muitas vezes descrito como uma pessoa de poucas ambições, considerando seu nível acadêmico, intelectual e cultural. (CRUZ, 2019)

Em 1820, aos 40 anos, finalmente o padre Marcos se estabeleceu na fazenda Boa Esperança, adaptando a Casa Grande para um colégio e dedicou-se intensamente à educação de jovens piauienses. Ele era poliglota, falava português, francês e latim. A fazenda ainda atuou como uma importante rota comercial, ligando tantas outras províncias ao sul do estado do Piauí. (JORNAL DE PICOS, 1999)

O Padre Marcos de Araújo Costa se tornou conhecido em todo o norte do Brasil, não só pela sua inteligência e saber, mas também pelo seu excelente caráter moral, seu prezar pela educação, zelo pela difusão do ensino e sua benevolência, qualidades que o naturalista escocês George Gardner confirma em seu livro – Viagem ao Interior do Brasil –, quando o mesmo ficou oito dias hospedado nos aposentos do padre Marcos, na fazenda Boa Esperança, durante o século XIX, fazendo também uma ligeira descrição do vasto local onde o padre residia:

A fazenda Boa Esperança era das maiores que eu já visitara no Brasil e nela pastavam mais de 5.000 cabeças de gado e centenas de carneiros. Embora sujeita esporadicamente a grandes secas, como todas as outras do sertão, há, todavia, nesta fazenda água abundante durante o ano todo, mesmo quando não chove por mais de doze meses. O rio corre a pouca distância da casa e conquanto apenas tenha água na estação da chuva, dele se obtém em todo tempo abundante suprimento de líquido, graças a uma sólida represa nele construída em lugares onde as margens são elevadas e rochosas dos dois lados (GARDNER, 1975, p. 117).

Os meios de educação estavam ao alcance de muita pouca gente pertencente a escassa população da região naquela época. Diante desta realidade, o padre Marcos – sendo ele um grande erudito –, desempenhava há muitos anos o hábito de educar e sustentar em sua casa, livre de despesas, vinte meninos até que eles possuíssem conhecimentos suficientes sobre latim, elementos da filosofia e matemática. A instalação da escola na fazenda assinala o início da educação piauiense. Ele não fazia da igreja seu meio de vida, se contentando muitas vezes com o sossego da vida na fazenda, como um simples educador e criador de gado. (CRUZ, 2019)

Todos os presidentes que passaram pela província do Piauí tinham um grande esmero e respeito pelo padre Marcos. Os movimentos que resultariam na independência do Piauí em 1822, tiveram a orientação dele, que também lutou pela anexação do Delta do Parnaíba ao Piauí. É inegável que a vida do Padre Marcos está diretamente ligada a história da província e esta ligação não pode jamais ser ignorada (JORNAL DE PICOS, 1999).

Dos vários cargos políticos aos quais foi indicado, assumiu o papel de deputado provincial (1835 a 1839). Acabou recusando o mandato de vice-presidente do Conselho Geral da Província, pois acreditava que sua missão era outra e tais cargos deveriam ficar para militares mais preparados que ele para exercê-los, nem cargos eclesiásticos ele aceitou – foi convidado pelo bispo D. Marcos Antônio de Sousa para ser o vigário geral forense do Piauí –, ele preferia exercer sua função de padre e educador voluntário (CRUZ, 2019).

Sempre atento a situação política do país, o padre Marcos, atuava não só como um chefe espiritual, mas também como um homem do povo. E deve-se a este homem de tantos princípios e conhecimentos, a fundação da Igreja de Nossa Senhora das Mercês, em substituição à antiga capelinha edificada pelos Padres Jesuítas – no local onde atualmente foi construída a Quadra Poliesportiva Geraldo Silveira, no município de Jaicós-PI –, que teve sua construção iniciada em 1833 e concluída em 1839. Ele foi o vigário de sua paróquia por anos (DA SILVA, 2018).

No dia 1 de novembro de 1850, o padre Marcos reuniu todos os que trabalhavam com ele na fazenda, na igreja, na casa e na escola, e diante deles anunciou que morreria em três dias. E assim foi, no dia 4 de novembro de 1850, aos 70 anos, ele faleceu, na Casa Grande da fazenda Boa Esperança, onde foi sepultado. Seus restos mortais se encontram enterrados dentro da sua obra prima, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês (CRUZ, 2019).

Pode-se afirmar com afincos que o Padre Marcos de Araújo Costa foi um dos mais importantes e respeitados intelectuais piauiense durante o século XIX. Que embora, tenha escolhido viver uma vida simples, era inegável naquela época e até os dias atuais, seu prestígio social e político (DA SILVA, 2018).

É correto afirmar que a contribuição de Padre Marcos para a fundação do então município de Jaicós, antes vila, foi fundamental para o desenvolvimento da mesma,

devido a sua influência política e educacional na região, tendo ele sido muitas vezes referenciado como o “homem que construiu Jaicós”. Além disso, Padre Marcos também teve grande importância para as construções da época, no caso esta que é objeto de estudo, trata-se da Paróquia de Nossa Senhora dos Mercês.

Construída em estilo rococó com uma torre, a matriz de Jaicós foi concluída em 1839, construção somente possível graças “ao trabalho de benemerência do Padre Marcos de Araújo Costa”, que teve o cuidado, inclusive, de mandar colocar um galo de bronze na torre da igreja, costume europeu que também podia ser visto em muitas igrejas brasileiras, tradição que, conforme Rafael Filho, o padre trouxe de Portugal, acrescentando esse serviço à sua obra missionária e educacional, traduzido pelo belo e importante templo construído (SOUSA NETO, 2018, p. 250).

As ordens jesuítas, uma vez que não sofriam com a autoridade direta da administração real e com seu governo independente situado em Roma, obtiveram grande força e influência nas regiões onde atuavam, estabelecendo relações de domínio para com os nativos e a população rural, devido à grande poder de persuasão. Que justifica a presença do clero secular nessas localidades, que impossibilitado de deter bens materiais próprios, mantinha-se através de recursos financeiros reais. “Os jesuítas expandiram núcleos de catequese, pregando o Evangelho nas fazendas e povoados e buscando o gentio para uma aculturação portuguesa e cristã”. (SILVA FILHO, 2007, p. 298).

A vila de Jaicós se originou de uma missão jesuítica, conhecida até então como aldeia do Cajueiro. Juntamente aos jesuítas alguns mercedários, consagraram a aldeia a Nossa Senhora das Mercês, e construíram a capela a ela dedicada e inaugurada em 05 de março de 1723, sendo o padre Tomé de Carvalho o responsável pela construção desta (PASCOS, 2011). Segundo os relatos do Padre Aires de Casal, sacerdote, geógrafo e historiador Português, que viveu durante muitos anos no Brasil, escrevendo o primeiro livro de edição brasileira, em 1817 (p. 293):

A freguesia de Nossa Senhora das Mercês, cujos primeiros habitantes eram pela maior parte de índios Jaicós, fica entre o Rio Itaim e a Ribeira das Guaribas. Todos os fregueses vivem dispersos: o vigário é quase o único vizinho da matriz, que fica mais de vinte léguas afastada da capital.

Em 1750 Sebastião José de Carvalho e Melo – o Conde de Oeiras e posteriormente conhecido como Marquês de Pombal – foi nomeado como primeiro-ministro, e passou a realizar uma série de reformas na metrópole e na colônia portuguesa, sendo uma destas a expulsão dos Jesuítas no Piauí no ano de 1759 (SOUSA, 2010).

Cerca de 64 anos após a consagração da primeira capela do aldeamento dos Jaicós, este viria a ascender ao posto de freguesia, por conta de características fisiográficas, segundo Sousa Neto (2018, p. 243):

Por suas terras férteis e em razão do potencial ao criatório, em 1787, a aldeia tinha 285 habitantes, entre descendentes indígenas da antiga redução jesuíta e colonos interessados em explorar a região. Desta forma, logo no princípio do século XIX, seus habitantes obtiveram autorização da coroa portuguesa para a elevação da aldeia à condição de freguesia, sob o nome de Nossa Senhora das Mercês de Jaicós, que, instalada em 1806, teve como primeiro pároco o padre Antônio Delfino da Cunha.

Capelas e Igrejas eram construídas por todo o sertão em aldeias para a catequização dos povos gentios, ou em curatos, onde residiam padres com ampla autonomia para atenderem às populações das fazendas de gado carentes de sacramento. Portanto, a população era atraída pelo edifício religioso, que justificava a formação das vilas. “Ausente a Câmara a Igreja controla a organização do espaço físico” (SILVA FILHO, 2007, p. 33).

Muitos oratórios eram instalados nas próprias fazendas como forma de soberania, mas com o aumento dessas populações, esse tipo de edificação deu lugar às capelas e igrejas de campo. Dessa forma, houve um processo de exteriorização, onde as mesmas eram dimensionadas para um pequeno número de fiéis, sendo acessíveis a devotos externos (escravos) mas não eliminando totalmente os oratórios privados (SILVA FILHO, 2007).

O limiar entre o mourão rural e a cruz urbana conecta aqui uma simplicidade estrutural: o curral, de provimento físico, fixando o devoto de patuá, indigente das graças celestes; a igreja, em auxílio espiritual, o atraindo para situar curatos. Resultaram, portanto, de populações já estabelecidas ou em formação. (SILVA FILHO, 2007, p. 17)

As vilas do período eram caracterizadas por uma hierarquia espacial seguida pelas “habitações individualizadas e perfiladas no lugar da maloca coletiva”, que seguiam os princípios cristãos. As cabanas de palha preservavam uma relação material e simbólica com a cultura indígena, ao mesmo tempo que traziam ideal de organização e disciplina pelo traçado onde essas construções eram dispostas de forma segregada à capela em alvenaria, fator que também resultou no cultivo da língua tupi, e na configuração onde se preservava a centralização dos terreiros, que mais tarde resultaria na praça retangular cristã – configuração que se faz presente na atual cidade de Jaicós, onde a vila teve início a partir da Paróquia locada em uma quadra retangular, adjacente à Praça Padre Marcos.

Também se faz importante característica das comunidades paroquiais da época, o surgimento destas nas proximidades de recursos hídricos, onde suas matrizes eram locadas em pontos altos da área, acima das inclinações que descem às águas. Na até então Vila de Jaicós, a paróquia de Nossa Senhora das Mercês fora assentada nas redondezas das fontes Gameleira e Paraíso. (SILVA FILHO, 2007)

As grandes praças retangulares foram propósito que se confirma em todas essas localidades, só quebrado por reforma posterior. O veio d'água foi o elemento catalisador para o assentamento das nucleações. De frente para ele e no platô mais elevado se ergueram as matrizes, indiferentes à orientação solar, projetando a monumentalidade a autoridade divina (SILVA FILHO, 2007, p. 15).

Por conseguinte, o feitiço tectônico das igrejas então existentes na Capitania, eminentemente as de Oeiras, Piracuruca, Jerumenha e Jaicós, ainda que bastante singelas quando comparadas aos imponentes monumentos do barroco mineiro e das capitanias litorâneas, mereciam destaque consoante a uma prévia autonomia urbanística. As construções religiosas, já não se tratavam de meros componentes dos “currais de gado para sufrágio dos comboios de tropeiros, ou dos já distanciados arraiais militares, mas obras de arte, arrojados empreendimentos do clero alimentados pelo direito de estola”. Em todas as igrejas do período a liturgia de fundação fora celebrada anteriormente ao governo civil e a uma estruturação política, e juntamente a elas, foram consagradas as primeiras definições de natureza urbanística (SILVA FILHO, 2007).

As vilas eram fundadas em regiões de produção predominantemente rural, onde o gado era pilar da economia local; fator que não favorecia a migração das pessoas do campo para as áreas de adensamento populacional, que iam à vila somente para trocar produtos da fazenda e para os festejos da Igreja. (SILVA FILHO, 2007). Por isso alguns benefícios eram concedidos aos moradores das vilas, como a “concessão de aforamentos, isenção de tributos e emolumentos por doze anos e até à não execução de dívidas contraídas fora delas, nos primeiros três anos de residências nas mesmas”, que se mostravam grandes atrativos, incentivadores à construção de habitações e povoamento das vilas (SILVA FILHO, 2007, p. 35). A Igreja ainda oferecia moradias a vaqueiros dispersos, tementes a Deus, exercendo sua principal função, uma vez que definira o espaço físico do povoado. De acordo com Silva Filho (2007, p. 35):

A igreja foi o componente de atração das populações rurais para a vida urbana. A política de funcionamento das vilas incluía, assim, a persuasão, através do ideal barroco e participação dos fregueses. Quanto mais e maiores as igrejas, mais importante o lugar.

De tal forma se fez a escala hierárquica da localização de prédios públicos e de residências da classe influente, ainda comum em cidades interioranas, que se relaciona com o traçado urbano onde a obra religiosa é disposta como núcleo dos assentamentos. À medida que ocorre o afastamento dessas nucleações, é perceptível o enfraquecimento dos rígidos traçados, e o decaimento da qualidade construtiva das moradias, evidenciando a precariedade presente nos subúrbios (SILVA FILHO, 2007).

A vila de Santana das Mercês ou Jaicós, como é mais geralmente chamada, [...] contém setenta e oitenta casas edificadas em uma grande praça quadrada, da qual apenas três lados estavam então completos, com uma bela igreja ao centro. Os arredores têm muitas choças da gente mais pobre, feitas principalmente de tronco e folhas de carnaubeira, abundante nas vizinhanças. Uns poucos vendeiros e comerciantes, como alfaiates, sapateiros etc. residem permanentemente na vila; mas a maioria das casas pertence a fazendeiros vizinhos, que só as ocupam durante o natal e outros festivais (GARDNER, 1975, p. 118).

Assim foi originada a paisagem das primeiras vilas, regidas por essas influências e condicionantes de residências sem recuos laterais, coladas umas às outras, “por um mesmo objetivo, como que agregando forças para enfrentar o agreste abrasivo, pungente, sobrenatural”. Os telhados em cumeeiras de mesma altura, podendo-se dizer, contínuas; águas voltadas para as frentes e fundos, onde se encontravam quintais, delimitando ainda o senso do que é público e privado, além de beirais de dupla bica. Não possuíam forros, deixando à mostra, em todos os cômodos, a telha vã. As fachadas conjugadas, transmitindo grande essencial de unidade, demonstravam união entre aquilo que se mostrava circundante ao núcleo religioso – organização espacial que é perceptível até os dias atuais na cidade de Jaicós, onde essas residências do período colonial foram preservadas até os dias de hoje nas proximidades da matriz (SILVA FILHO, 2007). O estudo e compreensão de como eram formadas as vilas da época faz-se fundamental para o entendimento do impacto que a Paróquia teve para a formação da cidade, sendo um local de atração, e tendo em suas origens, definido relações dos habitantes da até então vila, que perduram aos dias atuais, tendo a freguesia se desenvolvido ao posto de município.

O barroco foi um estilo que surgiu entre os anos de 1580, como uma forma de protesto a Contrarreforma, que tinha como objetivo ratificar os dogmas da Igreja. Emergiu na Itália e espalhou-se por toda a Europa Central e América Latina, estava diretamente ligado a Igreja Católica, por esse motivo não se propagou nos países protestantes. Em vários segmentos da arte (arquitetura, escultura, pintura, música,

literatura), o barroco se manifestou e possuía seus principais representantes. Em relação à arquitetura nesse período, tiveram como características os contrastes de luz e sombra, buscava um movimento e fantasia, fugindo assim da simetria, além de uma grande quantidade de ornamentos nas fachadas. (VIVA DECORA, 2018)

No Brasil, esse estilo foi introduzido no século XVII e perdurou até primeira metade do século XVIII (apogeu durante a exploração de ouro e diamante), tendo algumas influências europeias, mas possuindo suas características próprias, devido a restrições da época no que se relaciona à obtenção de materiais e técnicas específicas. O estado com maior acervo de arquitetura barroca no país é Minas Gerais, e o maior expoente do estilo foi Antônio Francisco Lisboa, conhecido como Aleijadinho. Os materiais utilizados pelos artistas brasileiros para fabricar os ornamentos foram a madeira e a pedra-sabão, tornando-os mais especiais por sua originalidade. Além da presença do ouro em muitos elementos, os tetos das igrejas eram formados por pinturas (todas de cunho religioso, obedecendo a sociedade da época). Nas capelas, a simplicidade dos materiais utilizados na construção das paredes (taipa, adobe, alvenaria) escondia no seu interior, por muitas vezes, sua beleza e grandiosidade. (VIVA DECORA, 2018)

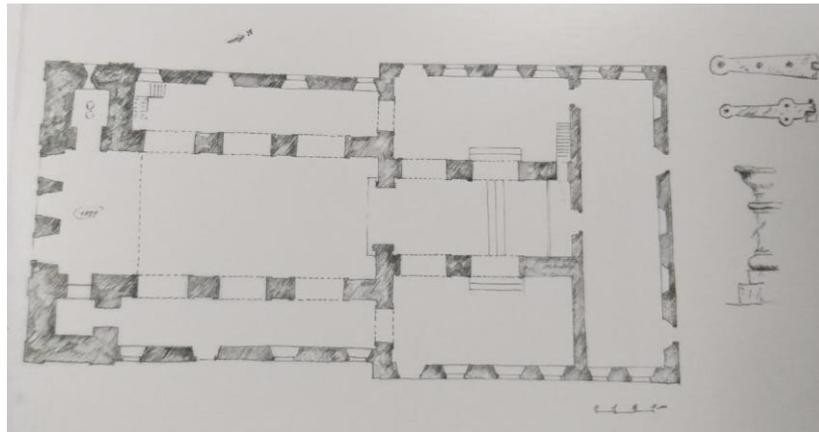
No período colonial, no estado do Piauí, com a chegada dos bandeirantes paulistas, a arquitetura barroca se categoriza como arquitetura colonial ou arquitetura sacra. Os principais materiais construtivos utilizados para as edificações nessa época eram a pedra e o barro, por serem locais e de fácil aquisição. Nas igrejas e capelas, a planta era de caráter simples, na maioria das vezes, sendo composta apenas pela nave central e o altar-mor (BURY, 2006). Desse modo, elucida-se o caráter sóbrio do exterior da Paróquia de Nossa Senhora das Mercês; sendo maior profusão de ornamentos reservada para o interior, no altar-mor e em locais pontuais nas laterais da entrada principal onde se concentram imagens, seguindo assim os ideais do estilo Barroco difundido na região.

### **Construção da Igreja Matriz: Materiais, Técnicas Construtivas e Reformas**

Ao que se diz respeito à arquitetura religiosa no Brasil, pode-se afirmar que tais edificações não poderiam ter sido construídas, sem o mínimo de conhecimento sobre arquitetura. Sabe-se que alguns padres, principalmente os jesuítas, tinham bastante conhecimento técnico e científico. (SILVA FILHO, 2007) Em Jaicós, o Padre responsável pela fundação da matriz – concluída no ano de 1839 – tinha apuro técnico em construção

e arquitetura, tendo sido sua obra considerada uma das melhores da província. O estilo trazido para o Brasil, pelos jesuítas, foi o da Contrarreforma, possuindo um estilo limpo de ornamentação, pesada, fechada e discreta. Na Matriz, a nave central e capela-mor são separadas por um arco-cruzeiro (Fig. 03), com capelas laterais, sacristia, transepto e coro, caracterizando o formato de cruz latina. (SILVA FILHO, 2007).

Figura 03 – Planta baixa da Matriz



Fonte: SILVA FILHO, 2007.

Entre os anos de 1914 e 1915 foram feitas reformas na matriz pelo então vigário, Cônego Miguel dos Reis Mello, compreendendo a construção da torre lateral esquerda (com o relógio) já prevista por Pe. Marcos, além da capela na lateral esquerda. Transformou-se também o depósito anexado ao corpo central na lateral direita em capela, pela abertura de arcos de comunicação com a nave central e abertura de esquadrias na fachada, da mesma forma que foi executada na ala lateral esquerda. (CRUZ, 2019)

Em 1937 foi concluída pelo Pe. José Limmermam a cúpula da nova torre para a celebração do 1º centenário da igreja. Esta festa teve uma grande repercussão na região, tendo sido anotado no livro do tombo, a participação de 10.000 fiéis. Em 1953, é construída a sacristia, pelo aforamento de 5 metros na parte inferior da igreja. Já em 1954, o teto da igreja é substituído por um telhado contínuo de duas águas, em lugar do desnível existente anteriormente entre o teto da nave central e das capelas laterais. (CRUZ, 2019)

Em 1955, é feita uma reforma onde se executam o estuque e forro da nave central, além da platibanda; são abertos arcos sobre as portas e janelas das fachadas laterais; é feita a pintura externa. Sabe-se ainda que o piso em ladrilhos existentes atualmente na igreja foi colocado na década de 50. O piso original executado em tijoleira, pode ser

observado ainda em seus vestígios remanescentes no piso da torre lateral direita ao nível do coro e sob a torre lateral esquerda ao nível da nave central. (CRUZ, 2019)

Em todo o interior da Igreja, fez-se uso do ladrilho hidráulico, que possui uma maior resistência. (Fig. 04) Na parte superior, referente a torre lateral direita, foi utilizado o ladrilho artesanal de barro cozido, bastante utilizado nas casas urbanas. Além disso, no que se refere ao lugar destinado ao coro e à sacristia, confere o piso de madeira (tabuados corridos). (SILVA FILHO, 2007)

Figura 04 – Ladrilho hidráulico utilizado na Matriz, com destaque na nave central



Fonte: Arquivo pessoal, 2019

Quanto à imaginaria existente na igreja, tem-se como peça de maior interesse a primitiva imagem de N. Sra. Das Mercês, trazida pelos jesuítas. Esta imagem mede 43cm de altura, é esculpida em madeira e se encontra guardada em bom estado de conservação. Calcula-se mais de 200 anos de idade. Atualmente, a imagem que se encontra na igreja foi trazida da Bahia, há 100 anos, doada pela esposa de um rico fazendeiro por uma graça alcançada.

Ainda como indicador da importância da igreja, pode-se considerar o seu arquivo, onde estão registrados todos os batizados ocorridos até o início do século no vasto território que abrangia a paróquia de Jaicós, compreendendo as cidades de Picos, Pio IX e Paulistana (CRUZ, 2019). Devido as dificuldades do meio rural, a aquisição de ferragens era limitada. Na Matriz de Jaicós as dobradiças utilizadas nas portas e janelas, remanescentes da era colonial, são do tipo leme e cachimbo, também é possível notar pequenos e frágeis ferrolhos de madeira (SILVA FILHO, 2007).

Devido ao barro ser facilmente encontrado em todo o Estado, favorecia a produção de adobes, telhas, tijolos, ladrilhos, etc. Depois da pedra, o adobe foi o elemento

construtivo de maior valor nas construções de edificações no Piauí. Não se sabe ao certo o início de sua fabricação, mas é com certeza uma das mais antigas, e utilizada até os dias atuais, fazendo-se presente inclusive no sistema construtivo da Paróquia de Nossa Senhora das Mercês. Pode-se observar também na fachada da Igreja, a presença de guarda-corpo de ferro forjado (Fig. 05), protegendo as sacadas avançadas nas janelas rasgadas por inteiro na parte superior à entrada principal e as janelas que ladeiam a mesma (SILVA FILHO, 2007).

Figura 05 – Guarda-corpo de ferro forjado na fachada frontal



Fonte: Arquivo pessoal, 2019

### **Paróquia de Nossa Senhora das Mercês: O seu Papel Enquanto Patrimônio para o Estado**

Atualmente, com todo o dinamismo e desenvolvimento tecnológico, certos fatores no que se relacionam ao espaço arquitetônico passam a ser modificados, consoantes à especulação imobiliária e a definição de novos programas e ideais estéticos contemporâneos, sinônimos do progresso; teme-se então o esquecimento, que certos bens quando analisados em um recorte empresarial sejam vistos como obsoletos. De tal forma faz-se importante que sejam levantadas discussões acerca da história, do patrimônio e das memórias coletivas e individuais, pois há certa preocupação sobre os danos causados à

memória e identidade histórica que conservam informações para que o passado continue a ser lembrado e conhecido (SOUSA, 2018).

A Preservação de Bens Culturais tem relação com a memória coletiva e individual, tendo em vista que a memória é a maneira pela qual a sociedade compreende o passado, forma a sua identidade, e resgata laços com sua ancestralidade (SOUSA, 2018). Desse modo, compreende-se que com a proteção do patrimônio cultural há “a garantia de que a história local continuará a ser conhecida e, com a atuação dos poderes governamentais, esta poderá ser valorizada e divulgada, para gerações futuras” (FERREIRA, 2006, p. 1782).

No sertão piauiense, grande parte dos exemplares arquitetônicos possuem o caráter de arquitetura rural. Composta por materiais orgânicos e naturais da flora local, logo, essas construções apresentavam maior fragilidade e sofriam bastante com intempéries. Como descreve Silva Filho (2007, p. 145): a maioria das casas de fazenda, convertida em ranchos agregados, segue o destino irreparável da ruína.

A história da Fazenda Boa Esperança (Fig. 06) faz parte desse cenário de esquecimento de bens da arquitetura rural, pois a edificação que abrigava a sede da Fazenda era um típico exemplar da arquitetura presente no sertão no Piauí durante o século XVII. Posteriormente, fora adaptada por Pe. Marcos à função de um colégio internato, um dos primeiros empreendimentos educacionais do Piauí Província; tendo em vista a importância histórico e cultural desse bem, o mesmo foi inscrito no Livro do Tombo em 05 de setembro de 1992, (FUNDAC, 2019). Apesar do valor arquitetônico dessa obra e da proteção legal que a envolvia, a antiga residência fora demolida. A exaustão dos materiais construtivos empregados é um fator adjacente a não perduração do imóvel, onde pela natureza orgânica dos insumos utilizados faz-se necessária manutenção para que ocorra maior permanência (SILVA FILHO, 2007).

A antiga escola encontra-se atualmente um pouco descaracterizada de seu partido original, uma vez que passou por reforma e um trecho caiu por falta de reparo, trecho que abrigava a antiga varanda. A edificação retrata através de sua simplicidade construtiva e plástica a arquitetura produzida no século XVIII no Piauí, onde predominam na volumetria os cheios sobre os vazios, soluções técnicas empregando carnaúba, tijolos em adobe, esquadrias em madeira fichada, acarretando tudo isso em produto altamente simples e significativo da nossa cultura (FUNDAC, 2019).

Figura 06 – Casa do Padre Marcos de Araújo, na sede da Fazenda Boa Esperança



Fonte: Fundac, 2019, p. 1

Diferentemente do meio rural, no meio urbano as edificações não são reféns diretas apenas da precariedade das técnicas construtivas, mas também da renovação de traçados e de um aceleramento no ritmo do crescimento das cidades. Segundo Silva Filho (2007, p. 146):

Em todo o Estado, a homogeneidade urbanística foi notadamente afetada na primeira metade do século XX, através do ajustamento de novos modelos que se consolidavam na arquitetura da nova capital, especialmente das platibandas, seguidos dos formatos afastados das divisas e alinhamento.

Com os investimentos agora direcionados para Teresina, cidades de maior idade e tradicional traçado urbanístico, “estacava o seu já arrastado desenvolvimento mergulhando no ostracionismo”; o que decerto gerou maior permanência das construções provinciais (SILVA FILHO, 2001, p. 149). Após o estabelecimento de uma nova ordem econômica, os terrenos passam a ter maior valorização que os edifícios do passado neles locados, o que resultou e uma indiscriminada renovação construtiva, uma grande perda de edificações rurais e urbanas de interesse histórico, quando não descaracterizadas, carentes de referências de sua tipicidade local, sumariamente eliminadas. No sítio da atual cidade de Jaicós enquadram-se nessas perdas, duas importantes edificações, uma delas é A Casa do Padre Marcos de Araújo Costa, por ele construída em 1839, (Fig. 07 e 08) localizada nos arredores da Praça Matriz, figurou como uma das maiores e melhores casas da cidade no período; posteriormente servindo de residência a outros proprietários e de casa paroquial. Foi completamente demolida, atualmente em seu antigo local consta uma construção de tipologia comercial (SILVA FILHO, 2007).

Figura 07 – Residência do Pe. Marcos em Jaicós



Fonte: SILVA FILHO, 2007.

Figura 08 – Cartela sobre a porta de entrada, onde consta o ano da construção



Fonte: SILVA FILHO, 2007.

A outra grande perda é o chamado Sobrado Rosa dos Peixes (Fig. 09), assim conhecido por possuir na fachada 2 peixes entrelaçados em relevo de massa. Aparentemente, constava como o sobrado mais antigo da cidade. Tendo pertencido ao irmão do Visconde de Parnaíba Manoel Clementino de Souza Martins. A construção em alvenaria de tijolo, dotada de sacadas com balcões de ferro forjado, sendo o principal um destaque, por possuir o monograma de José Rafael Leal Lelis. (Fig. 10). Mesmo tombado pelo Estado no ano de 1992, o sobrado fora posteriormente demolido, o que mostra o lamentável descaso da população para com o patrimônio, que provavelmente sequer tinham conhecimento do registro do sobrado no Livro do Tombo, e da sua relevância como bem histórico para a cidade (SILVA FILHO, 2007).

Figura 09 – Sobrado Rosa dos Peixes, Jaicós



Fonte: SILVA FILHO, 2007.

Figura 10 – Monograma no balcão central do sobrado



Fonte: SILVA FILHO, 2007.

Também figura como uma edificação pega pelo descaso, a Casa de Odilon Reis, resistentemente sobrevivendo às novas configurações urbanas e necessidades espaciais. A edificação, pelo que aparenta, figurava como uma das mais imponentes da cidade, antigamente ocupando cerca de uma lateral inteira de um quarteirão, atualmente limita-se a uma esquina remanescente de demolições que deram espaço a novas construções. A residência nunca fora tombada como Patrimônio do Estado, não existem políticas públicas ou privadas para a conservação do bem, o que resulta em seu lamentável estado em ruínas.

Figura 11 – Casa de Odilon Reis em seu estado atual



Fonte: Arquivo pessoal, 2019

De tal forma é possível que se estabeleça um paralelo entre patrimônio e os vínculos pessoais que se relacionam com este. As edificações anteriormente citadas, mesmo sendo de importante valor para a história da cidade, eram de uso privado. Esse fator provavelmente justifica a despreocupação em preservá-las. Na contramão disso, observa-se a valorização direcionada à Paróquia de Nossa Senhora das Mercês, que atravessou séculos, sempre servindo ao povo, com sua imponência através da liturgia, recebendo respeito transmitido de forma ancestral.

Esse cuidado, e a atribuição desses laços para com a Igreja Matriz da cidade, decerto são os motivos que a mantiveram em constante preservação e reparo. O monumento faz parte do cotidiano da população, atravessando gerações, desde a infância quando as crianças se reúnem na Praça Padre Marcos aos pés da Igreja à vida adulta e aos mais longevos, que louvam o espaço e prestam importantes vivências no interior deste. (Fig. 10) Mesmo que vago, há um maior conhecimento acerca da valorização do patrimônio, não apenas pelos caminhos da fé daqueles que habitam a urbe, como também pelo viés de seu significado histórico, figurando como ponto inicial da formação da cidade em si. Portanto até os dias atuais, a Paróquia permanece na incumbência de nucleação da cidade, de ponto de encontro para a sociedade e de cartão postal para os visitantes.

O patrimônio histórico, materializado na forma de construções, vem manter vivo todo esse cabedal intelectual e cultural de civilizações anteriores à atualidade, porque é o testemunho vivo e tangível de épocas passadas, e faz com que se possa entender os fatos mediante um “mergulho” no contexto físico da época, dos costumes, pensamentos e o próprio cotidiano dessas gerações anteriores (FERREIRA, 2006, p.1782).

A Igreja Matriz encontra-se na nucleação da atual cidade de Jaicós-PI, Bairro Centro, na Praça Padre Marcos. Remetendo a configuração comum da época colonial, onde as praças adjacentes às Paróquias funcionavam como locais de aglomeração urbana e de encontros sociais. Nos dias de hoje, o entorno é composto por construções coloniais, em sua maioria em bom estado de conservação, salvo outras edificações que foram completamente demolidas e em seus lugares constam edifícios contemporâneos. Na localidade da vigente Quadra Poliesportiva Geral do Silveira fora levantada em 1723 a primeira capela jesuítica, quando a cidade ainda configurava-se como aldeamento.

Figura 12 – Igreja Matriz de Nossa Senhora das Mercês no encerramento da procissão do Sesquicentenário, no ano de 1987



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco das Chagas Cruz, 2019

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o conteúdo anteriormente explanado, conclui-se que, o objetivo da preservação dos monumentos é proteger os próprios bens materiais, mas também o testemunho histórico que deles faz parte. Diante disso, destaca-se a importância da participação da comunidade no processo de intervenção em bens culturais, onde a proteção patrimonial só ocorre quando aliada à preservação do significado desses bens culturais (SILVA, 2021).

A conservação de igrejas coloniais na América Latina pode ser considerada uma das manifestações mais antigas âmbito da preservação patrimonial. É interessante notar que a importância da igreja Católica na colonização ibérica das Américas explica a escolha estratégica de preservar edifícios de cunho religioso nas antigas vilas. Em contrapartida, a ruína é consequência da condição de abandono que aflige esses exemplares da arquitetura rural; que muitas vezes caem em esquecimento e tem seu valor minimizado em detrimento de construções da elite da época, que podiam ser encontradas nos arredores das praças e igrejas, e eram providas através de melhores e mais duradouros materiais e técnicas construtivas (SILVA FILHO, 2007).

Portanto, uma importante questão observada na pesquisa em questão se faz além do uso da Paróquia no cotidiano da cidade, mas também o fato do patrimônio ser de fruto colonial. Esse aspecto se justifica por conta da nossa cultura hegemônica, que faz com que os registros existentes acerca de manifestações culturais de diversos povos sejam vítimas de uma “memória coletiva”. A Igreja, por se tratar de um bem cultural de origem religiosa, e voltada para o povo branco e da elite colonial, teve tanto sua construção e preservação quanto sua institucionalização como patrimônio facilitados.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CASAL, Manuel Aires de. *Corografia Brasílica*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1817.

CRUZ, Francisco das Chargas. Depoimento Oral. Entrevista concedida as pesquisadoras Maria Eduarda de Lima Coutinho, Tamyres Cristina Lemos e Silva e Vanessa Matos Cabral. Jaicós, abril, 2019.

DA SILVA, Valdo Benedito. *Raízes de Padre Marcos: Memórias e Legados dos que Sonharam e Construíram*. Teresina: Ed. do autor, 2018.

FERREIRA, Cláudio José Pinto et al. “A Importância do Patrimônio Histórico Joseense”. *Revista Univap*. São José dos Campos, v. 13, n. 24, out. 2006, p. 1782-1784.

FUNDAC – Fundação Cultural do Piauí. Casa do Padre Marcos. Disponível em: <<http://www.ipatrimonio.org/?p=46451>>. Acesso em: 28 de abril de 2019.

GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil: Principalmente nas Províncias do Norte e Nos Distritos do Ouro e do Diamante Durante os Anos de 1836-1841*. São Paulo: Ed. da USP, 1957.

JORNAL DE PICOS. “Quem foi o Padre Marcos” *Picos*: Ed.do jornal, março de 1999, p.4.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. *Povos Indígenas do Sudeste do Piauí: Conflitos e Resistência nos Séculos XVII e XIX*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2004.

PASCOM – Pastoral da Comunicação. *Histórico de Nossa Senhora das Mercês*. Jaicós (PI). Disponível em: <[http://paroquiadejaicos.blogspot.com/p/pascom\\_05.html](http://paroquiadejaicos.blogspot.com/p/pascom_05.html)>. Acesso em: 14 de abril de 2019.

REDAÇÃO MUNDO ESTRANHO, *Revista Superinteressante*. “Por que o Piauí foi colonizado pelo interior?” São Paulo: Ed. Abril, abril de 2018, p. 1.

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA FILHO, Olavo Pereira da. *Carnaúba, Pedra e Barro na Capitania de São José do Piauí*. Volume I – Estabelecimentos Rurais. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2007.

SILVA FILHO, Olavo Pereira da. *Carnaúba, Pedra e Barro na Capitania de São José do Piauí*. Volume II – Arquitetura Urbana. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2007.

SILVA FILHO, Olavo Pereira da. *Carnaúba, Pedra e Barro na Capitania de São José do Piauí*. Volume III – Urbanismo. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2007.

SILVA, Tamyres Cristina Lemos e. *Centro Cultural Santana: projeto de reabilitação arquitetônica da antiga usina santana s/a em teresina-pi*. 2021. 231 f. Monografia (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Uninovafapi, Teresina, 2021. CDROM.

SOUSA NETO, Marcelo de. “O padre, a vila e o galo da torre: padre Marcos de Araújo Costa e a vila de Jaicós (Piauí, 1832-1850)”. *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, mai./ago./2018, p. 241-262.

SOUSA NETO, Marcelo de. *Entre Vaqueiros e Fidalgos: sociedade, política e educação no Piauí (1820-1850)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

SOUSA, Lourenilson Leal. *História da Educação Jaicoense: Dos Primeiros Aldeamentos ao Ginásio Padre Marcos*. Mestrado em Educação – Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2010.

SOUSA, Priscila Carvalho Mendes de. *A Importância do Patrimônio Histórico como Instrumento de Preservação da Memória*. Monografias Brasil Escola. Disponível em: <<https://monografias.brasescola.uol.com.br/historia/a-importancia-patrimonio-historico-como-instrumento-preservacao.htm>>. Acesso em: 28 de abril de 2019.

TYBEL, D. *6 tipos de citação mais comuns em TCC*. Guia da Monografia, 2017. Disponível em: <<http://guiadamonografia.com.br/tipos-citacao/>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

VIVA DECORA, *Arquitetura barroca: o estilo no mundo e também no Brasil*, 2018. Disponível em: <<https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/arquitetura-barroca/>>. Acesso em: 15 de abril de 2019.